

Atuação do Fisioterapeuta na realidade escolar de crianças com deficiência física: uma perspectiva integradora

**Cadernos de
Pós-Graduação
em Distúrbios do
Desenvolvimento**

Juliana Saccò Martins

Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Marcos José da Silveira Mazzotta

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da
Universidade Presbiteriana Mackenzie*

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo identificar e analisar criticamente a atuação do fisioterapeuta na realidade escolar de alunos portadores de deficiência física, com vistas a favorecer o desenvolvimento e o desempenho escolar desses alunos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa envolvendo a utilização de entrevistas semi-estruturadas com fisioterapeutas de uma Escola Especial e de uma Unidade de Classes Especiais em escola comum da rede municipal de ensino de São Paulo. A partir das entrevistas e do referencial teórico pesquisado, evidenciou-se que o fisioterapeuta poderá contribuir com a escolarização do aluno portador de deficiência física atuando de diferentes maneiras. Dentre essas, destaca-se a adequação da postura sentada em sala de aula; favorecimento da independência do aluno dentro e fora do ambiente escolar, assim como trabalhar com vistas à inclusão desses alunos na escola comum. Nessa perspectiva, o fisioterapeuta pode contribuir para a inclusão social do aluno portador de deficiência física.

Palavras-chave: Fisioterapia; educação especial; pessoa portadora de deficiência física.



MACKENZIE

1 INTRODUÇÃO

A escolarização de crianças com deficiência física tem sido objeto de muitos questionamentos por parte da família, dos profissionais da reabilitação e da educação, principalmente nos casos de deficiências físicas mais graves. Via de regra, tais questões referem-se à aceitação dessa criança na escola; à escolha do tipo de escola e ao melhor caminho a ser seguido: a escola especial ou comum; às limitações encontradas pela criança, sejam elas de ordem motora, cognitiva, ambiental ou de outras ordens.

O fisioterapeuta, geralmente, mantém uma estreita relação com a criança portadora de deficiência, com a família e com profissionais da reabilitação, onde as questões referentes à escolarização permeiam sua vida profissional. Na maioria das vezes, torna-se insuficiente ter apenas um conhecimento técnico de como maximizar o desempenho motor da criança. É preciso possuir uma abertura para questões relativas ao significado da atuação profissional, ou seja, reabilitar para proporcionar uma facilitação de seu desenvolvimento global e seu processo de inclusão social mais amplo.

Desde a regulamentação da profissão de Fisioterapeuta, em 13 de outubro de 1969, os profissionais têm trabalhado basicamente dentro do âmbito médico, sendo assim, o seu principal papel tem sido promover um serviço direto, objetivando a restauração das habilidades físicas, após uma lesão ou doença (O'SULLIVAN et al., 1983).

Os documentos normativos da profissão definem a Fisioterapia como “uma ciência aplicada, cujo objetivo de estudo é o movimento humano em todas as suas formas de expressão e potencialidades” (RESOLUÇÃO COFFITO-80, 1978). Nesse contexto, o trabalho do fisioterapeuta na realidade escolar de alunos com deficiência física, encontra um campo de atuação profissional amplo e que necessita ser investigado.

A atuação do fisioterapeuta em escolas especiais não é recente; porém, a prática destes profissionais na escola apresentava-se de uma forma marcadamente terapêutica, com transposição de condutas clínicas para a sala de aula, onde muitas vezes os objetivos escolares ficavam em segundo plano.

Atualmente, o fisioterapeuta assume um papel de apoio à escolarização. Para tanto, trabalha em conjunto com profissionais da reabilitação, como terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, médicos e com profissionais da escola, como professores, diretores e outros membros.

Nesse sentido a seguinte pergunta pode ser elaborada: de que forma o fisioterapeuta poderá contribuir para a educação de alunos portadores de deficiência física e qual o seu papel na escola?

Procurando respostas para esse questionamento, o problema da pesquisa foi delimitado focalizando a criança com deficiência física, que, em função de seu déficit motor, apresenta características que podem interferir na sua escolarização,



podendo demandar a atuação de um profissional da área da reabilitação, como o fisioterapeuta, atuando na escola ou em estreita relação com a comunidade escolar.

Com o objetivo de identificar e analisar criticamente a atuação do fisioterapeuta em escolas especiais e em unidades de classes especiais de escolas comuns, este trabalho visou caracterizar e descrever procedimentos utilizados para favorecer o desenvolvimento e o desempenho escolar de alunos com deficiência física.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (1989, p. 35), deficiência (*impairment*) é entendida como “qualquer perda ou anormalidade da estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica”. Já o termo incapacidade (*disability*) “corresponde a qualquer redução ou falta (resultante de uma deficiência) de capacidade para exercer uma atividade de forma ou dentro dos limites considerados normais para o ser humano”; e desvantagem (*handicap*) representa um

impedimento sofrido por um dado indivíduo, resultante de uma incapacidade, que lhe permita ou lhe impeça o desempenho de uma atividade considerada normal para esse indivíduo, tendo em atenção a idade, o sexo e os fatores socioculturais (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1989, p. 35).

Cada uma das definições refere-se a um nível específico de situações resultantes de uma doença, onde a diferença fundamental entre elas é que deficiência (*impairment*) significa uma perturbação referente ao órgão; incapacidade (*disability*) representa uma perturbação referente à própria pessoa (seu desempenho funcional) e desvantagem (*handicap*) reflete a adaptação e a interação do indivíduo com o meio (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1989).

A deficiência física, está sendo concebida neste estudo, de acordo com o Decreto-lei nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 (BRASIL, 1999, p. 1) [que dispõe sobre a Política Nacional de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência] como:

uma alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano acarretando comprometimento na função física, sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, tripesia, hemiparesia, hemiparesia, amputações ou ausência de membros, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

Cada tipo de deficiência apresenta características específicas que permeiam o processo de escolarização do aluno portador de deficiência física, podendo interferir no mesmo. Dessa forma, é oportuno esclarecer que a educação desses alunos tem os mesmos objetivos da educação de qualquer cidadão e, algumas modificações podem tornar-se necessárias na organização e no funcionamento da educação escolar, para que os objetivos escolares sejam alcançados. Auxílios e serviços especiais para apoiar, suplementar e, em alguns casos substituir o ensino comum ou regular podem ser organizados (MAZZOTTA, 1998).

Fazendo parte dos auxílios e serviços especiais, o fisioterapeuta poderá ser membro integrante da equipe de apoio ao aluno portador de deficiência física, em uma situação formal de educação escolar ou escolarização.



Dentre as formas de atuação do fisioterapeuta na escola destacam-se: adaptação do material didático, adequação do mobiliário e do ambiente físico em sala de aula, identificação de barreiras arquitetônicas e planejamento de modificações de acessibilidade e a troca de informações com outros profissionais (LUNNEN, 1998).

Um aspecto importante da atuação do fisioterapeuta na escola, diz respeito aos recursos humanos com ênfase para a interação entre a equipe escolar: “cada um contribuindo com o trabalho do outro e atendendo a criança como um todo” (LORENZINI, 1992).

Dentre as formas de interação entre a equipe escolar destacam-se as interações multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar:

- Multidisciplinar: várias disciplinas avaliam, planejam e executam o seu trabalho com o aluno de forma isolada, sem troca de informações entre as disciplinas (Figura 1);
- Interdisciplinar: os profissionais de cada disciplina trocam informações sobre sua avaliação e seus objetivos , porém o trabalho é realizado separadamente (Figura 1);
- Transdisciplinar: dois ou mais profissionais de diferentes disciplinas dividem informações e experiências além das fronteiras tradicionais das disciplinas (Figura 1).

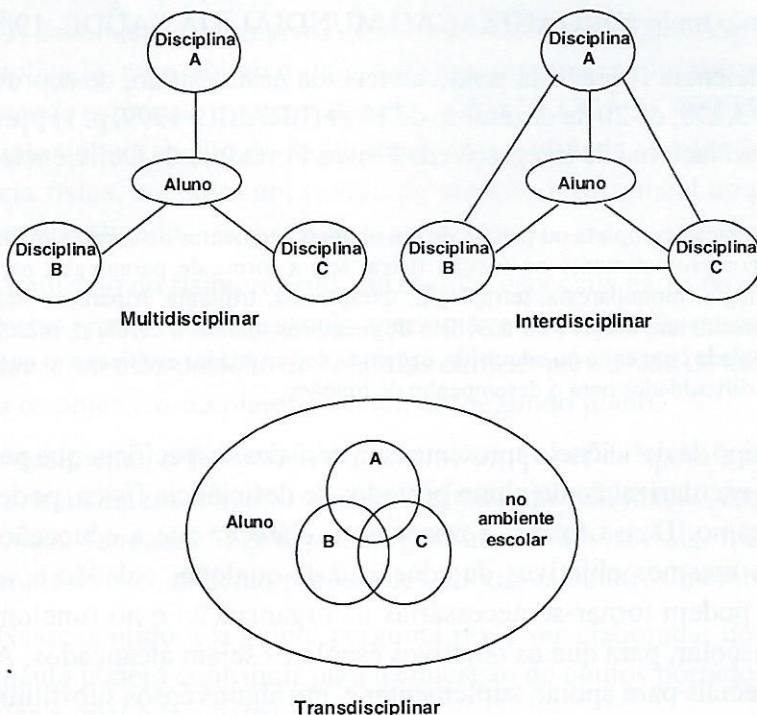


Figura 1 - Relação do aluno com os diferentes tipos de interação entre a equipe escolar
(Adaptado de GIANGRECO et al., 1989).



O modelo transdisciplinar é considerado o mais indicado para o trabalho de equipe na escola, sendo os modelos multidisciplinar e interdisciplinar mais apropriados para o trabalho em equipe em outros locais como clínicas e hospitais (GIANGRECO et al., 1989).

Dentre as formas de intervenção do fisioterapeuta no ambiente escolar, Bundy (1995) descreve três tipos de prestação dos serviços:

- 1 *Serviço de atendimento direto*: o terapeuta presta atendimento diretamente ao aluno com o objetivo de melhorar sua capacidade funcional; pode ser realizado de forma isolada, em uma clínica, ou integrada, isto é, na sala de aula ou em algum local da escola. Uma das limitações desse tipo de atendimento na escola é devido a criança perder parte das atividades oferecidas em aula. Esse é a forma de atendimento mais familiar para os terapeutas.
- 2 *Serviço de atendimento indireto*: o terapeuta orienta alguns procedimentos a serem realizados com os alunos para outras pessoas (ex. pais ou professores) com os objetivos de aperfeiçoar uma habilidade funcional; manter uma função; aprender um tipo de procedimento (ex. posicionamento).

As orientações devem ser simples, pois procedimentos mais complexos, envolvendo um conhecimento técnico mais específico, são atribuições somente do terapeuta. Muitas vezes é necessário que o fisioterapeuta verifique se realmente a pessoa orientada entendeu o que deve ser feito, para não correr o risco de obter consequências indesejáveis aos alunos.

- 3 *Serviço de consultoria*: é caracterizado pela troca de informações entre o fisioterapeuta e os outros membros da escola e com os familiares, sobre como resolver problemas que o aluno apresenta no ambiente escolar, referentes às dificuldades impostas pela deficiência. O esperado da consultoria é que o ambiente escolar (humano e material) mude de diferentes maneiras para facilitar ao aluno o sucesso na escola. Através da consultoria, o terapeuta poderá explicar aos pais e aos professores o comportamento motor do aluno, favorecendo muitas vezes uma maior interação entre eles. Nesse tipo de serviço, também podem ser realizadas adaptações para a sala de aula e material escolar, facilitando a participação do aluno em todos os aspectos da vida escolar. É recomendado que esse seja o tipo de atendimento primário do fisioterapeuta na escola.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia de pesquisa escolhida foi a qualitativa, entendida por Lüdke e André (1986) como aquela que envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.



MACKENZIE



A abordagem qualitativa apresenta algumas características básicas: tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador; a análise dos dados tende a seguir um processo dedutivo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

O presente estudo envolveu uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, que serão detalhadas para o melhor entendimento do conteúdo. A revisão de bibliografia abrangeu temas que incorporam a conceituação de deficiência e deficiência física; a reabilitação; a escolarização do aluno portador de deficiência física e os aspectos referentes à atuação do fisioterapeuta no contexto escolar.

A pesquisa de campo foi realizada através de um estudo exploratório, utilizando-se entrevistas semi-estruturadas com quatro fisioterapeutas, com o objetivo de analisar aspectos da atuação do fisioterapeuta na realidade escolar de alunos com deficiência física.

O número de entrevistados foi definido de acordo com os pressupostos da pesquisa qualitativa, que preocupa-se menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão do tema estudado. Portanto, seu critério não é quantitativo, o que justifica uma amostragem pequena, com poucos sujeitos entrevistados. Segundo Minayo (2000, p. 102) “a amostragem ideal é aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões”.

Das quatro fisioterapeutas entrevistadas, duas atuam em uma escola especial, localizada junto a um centro de reabilitação, de referência nacional pelo seu trabalho com indivíduos portadores de deficiência física. Esse centro de reabilitação possui um convênio com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo que mantém a equipe de professores.

As outras duas fisioterapeutas entrevistadas atuam em escolas comuns, que contam com uma Unidade de Classes Especiais¹ para alunos portadores de deficiência física. Estas escolas são estaduais e possuem um Convênio com o mesmo centro de reabilitação referido anteriormente, garantindo, dessa forma, a equipe técnica e o transporte especializado para os alunos.

A Escola Especial, funciona junto ao centro de reabilitação, e é denominada, de forma mais abrangente, de Setor Escolar, o qual possui sete turmas em cada período do jardim de infância à quarta série do Ensino Fundamental, com um total de aproximadamente setenta alunos. O Setor Escolar é separado fisicamente do Centro de Reabilitação. A maioria dos alunos realiza tratamento de reabilitação na instituição, incluindo a fisioterapia, realizada fora do horário escolar. As duas fisioterapeutas que atuam no Setor Escolar possuem uma carga horária fixa neste setor e uma carga horária fixa no Setor de Fisioterapia. Além do fisioterapeuta, profissionais da fonoaudiologia, terapia ocupacional e psicologia também atuam na escola especial.

Uma das Unidades de Classes Especiais é composta por sete turmas de Ensino Fundamental e serviços de reabilitação. A equipe terapêutica é composta por um profissional das seguintes áreas: fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, fisioterapia e assistência social; possui também serviços médicos de fisiatria. Contam ainda com a presença de três atendentes escolares que auxiliam no lanche, higiene e transporte. Cabe ressaltar, que apesar da proximidade entre os prédios da escola comum e da unidade de classes especiais, estes estão separados havendo uma rampa de acesso da unidade para a escola comum, a qual os alunos freqüentam apenas eventualmente, no horário do lanche e em algumas festas que ocorrem durante o ano. A fisioterapeuta que atua neste contexto profissional realiza atendimentos individuais na sala de fisioterapia e também presta serviço em sala de aula.

A outra, Unidade de Classes Especiais, possui quatro salas de aula para alunos com deficiência física, nas quais se encontram crianças da primeira à quarta série do Ensino Fundamental, totalizando aproximadamente quarenta alunos. A Unidade de Classes Especiais está localizada no mesmo prédio da escola comum, ao final de um corredor. Esta unidade conta com profissionais das seguintes áreas: fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia e psicologia, bem como serviço médico de fisiatria e assistência social. A fisioterapeuta que atua nesta escola realiza atendimentos individuais na sala de fisioterapia e também em sala de aula.

A existência do convênio entre o Centro de Reabilitação e a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, justificou a escolha do local da pesquisa bem como o fato destas escolas adotarem o critério da deficiência física como predominante para a elegibilidade dos alunos, excluindo outros tipos de deficiência que fogem ao escopo deste trabalho.

Como instrumento de coleta de dados, optou-se por entrevista, sendo esta definida por Kahn e Cannell (apud MINAYO, 2000, p.108) como: “Conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”.

A técnica de entrevista utilizada com os fisioterapeutas foi a semi-estruturada, com o uso de gravações diretas e anotações. Para a coleta das informações, foi utilizado um roteiro de entrevista (Quadro 1), o qual permitiu uma flexibilidade quanto à ordem das questões, originando uma variedade de respostas e até mesmo outros questionamentos (PÁDUA, 1996). Para Minayo (2000), o roteiro de entrevista “é um instrumento para orientar uma conversa com finalidade”.

Uma vez concluídas as entrevistas, passou-se à análise, classificação e interpretação das informações coletadas.

Com o objetivo de tornar transparente a “alquimia” realizada para interpretar os achados deste estudo, procedeu-se às seguintes etapas:



MACKENZIE

- | | | | |
|---|---|---|--|
| <p>1 Nos serviços fisioterapêuticos prestados aos alunos com paralisia cerebral na escola,</p> <ul style="list-style-type: none">- quais são os objetivos de sua atuação como fisioterapeuta?- como é a estrutura do serviço prestado?- existe interação entre os profissionais (fisioterapeuta, professores, terapeuta ocupacional, psicólogo, assistente social) que atuam na escola? Como esta interação ocorre?- existe interação com os pais? Como esta interação ocorre? | <p>2 Na sua opinião há diferença entre os serviços fisioterapêuticos prestados ao portador de paralisia cerebral na escola, para os serviços fisioterapêuticos prestados em consultório, clínica ou centro de reabilitação?</p> | <p>3 Você possui alguma experiência passada e/ou presente de atendimento a aluno com paralisia cerebral incluído na rede regular de ensino?</p> | <p>4 O que mais você gostaria de comentar sobre o assunto?</p> |
|---|---|---|--|

Quadro 1 - Roteiro de entrevista utilizado com as fisioterapeutas da Escola Especial e das Unidades de Classes Especiais localizadas em escolas comuns.

- 1 *Ordenação dos dados:* essa etapa incluiu a transcrição das fitas-cassete, releitura do material e organização dos relatos em determinada ordem, indicando um início de classificação;
- 2 *Classificação dos dados:* é o resultado da relação entre as questões teóricas dirigidas ao campo como um referencial para o pesquisador. A classificação foi realizada mediante a leitura exaustiva e repetida dos textos, o que permitiu “apreender as estruturas de relevância” (MINAYO, 2000, p. 235). Os temas relacionados ao objetivo deste estudo, qual seja, a atuação do fisioterapeuta na realidade escolar de alunos com deficiência física, foram levantados com base nas falas desses profissionais.

A partir disso, foram elaboradas categorias centrais.

As categorias elaboradas a partir das entrevistas foram: os objetivos do fisioterapeuta na realidade escolar; o espaço de atuação e formas de oferecimento do serviço; a interação entre os profissionais; a interação entre o fisioterapeuta e os pais; atendimento fisioterapêutico na escola *versus* atendimento em consultório, clínica ou centro de reabilitação; a participação do fisioterapeuta na inclusão de alunos portadores de deficiência física em escolas comuns e o significado para o fisioterapeuta do trabalho na escola.

O processo de análise das informações foi realizado a partir da confrontação dos dois conjuntos obtidos (informações advindas da pesquisa teórica e informações da pesquisa prática), e da própria confrontação entre as entrevistas das fisioterapeutas, nas quais pontos de divergência, pontos de convergência, tendências, regularidades, princípios de causalidade e generalizações foram estabelecidos, o que possibilitou chegar às considerações finais da presente pesquisa (PÁDUA, 1996).



3 ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1 OS OBJETIVOS DO FISIOTERAPEUTA NA REALIDADE ESCOLAR

Através dos dados obtidos pode-se constatar que a atuação do fisioterapeuta na realidade escolar está voltada para vários aspectos que apresentam pontos semelhantes e diferentes nas duas realidades escolares investigadas (Figura 2).

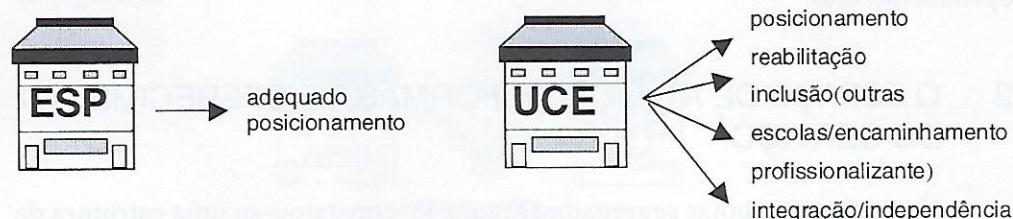


Figura 2 - Os objetivos do fisioterapeuta na realidade escolar
Legenda: ESP- Escola Especial; UCE - Unidades de Classes Especiais

Na “escola especial” o objetivo principal, referido pelas fisioterapeutas, foi relacionado com a adequação da postura sentada, visando um melhor desempenho do aluno em suas atividades escolares. Tal constatação é reforçada pela bibliografia, principalmente por Giangreco et al. (1989), onde a atuação dos profissionais da reabilitação em um contexto escolar, tem um caráter de apoio ao aluno para que os objetivos escolares sejam atingidos .

Na perspectiva mais integradora das Unidades de Classes Especiais, constatou-se a preocupação em relação à postura em sala de aula e sua repercussão funcional, assim como objetivos mais amplos relacionados ao desempenho motor dos alunos, realizados por meio de atendimentos individualizados. Outro aspecto relevante encontrado foi referente à independência do aluno dentro e fora do ambiente escolar, somado à preocupação e ao trabalho na busca pela inclusão escolar desses educandos na escola comum. Dessa forma, as fisioterapeutas estão contribuindo para uma inclusão social dos alunos com deficiência física.

Fazendo-se uma relação com as definições da Organização Mundial da Saúde (1989) e retomando os termos “deficiência, incapacidade e desvantagem”, a atuação do fisioterapeuta na escola se faz principalmente sob a ótica da desvantagem, na tentativa de adequar o ambiente de acordo com a capacidade do aluno e, também intervindo no campo social, modificando, de certa forma, atitudes e posicionamentos dos membros de ensino.

Desta forma, quando o fisioterapeuta realiza cursos para professores (descrito por uma Fisioterapeuta da escola especial) ou quando o fisioterapeuta realiza visitas em escolas (descrito por uma das Fisioterapeutas da Unidade de Classes Especiais), juntamente com outros profissionais da reabilitação, trocando infor-

mações com profissionais da educação, ele está contribuindo para o processo de inclusão escolar.

Essa forma de atuação, não fica limitada apenas à incapacidade, restringindo a atuação do fisioterapeuta aos aspectos motores do aluno propriamente ditos e sua repercussão funcional. É claro que a atuação individualizada, com objetivos de melhora da “performance” motora, é muito importante e também faz parte das atribuições do fisioterapeuta. Talvez esta seja a forma primária de intervenção fora do contexto escolar. Porém, o trabalho no ambiente escolar, necessitaria ser ampliado para além dos aspectos da melhoria da performance motora propriamente dito.

3.2 O ESPAÇO DE ATUAÇÃO E FORMAS DE OFERECIMENTO DO SERVIÇO

No contexto escolar segregado (Figura 3), constatou-se uma estrutura de serviço de fisioterapia definida, na qual o fisioterapeuta tem seu espaço de atuação bem delimitado, ou seja, na sala de aula. Dessa maneira, ele realiza o seu trabalho sob a forma de consultoria, na tentativa de solucionar problemas de ordem motora que estejam repercutindo nas atividades escolares. Formas de atuação indireta, como orientações para pais e pessoas que auxiliam em sala de aula, também foram relatadas, mas o foco principal da atuação não está voltado para estes aspectos. Inclusive, esse ponto mereceria uma discussão um pouco mais aprofundada por parte desses profissionais, como uma forma de ampliação da sua atuação no contexto escolar.

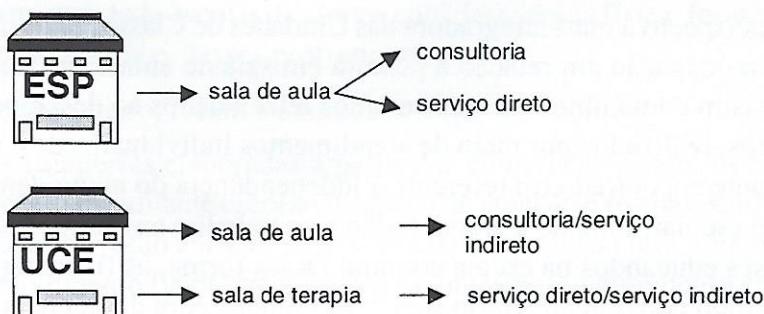


Figura 3 - O espaço de atuação e formas de oferecimento do serviço.
Legenda: ESP- Escola Especial; UCE - Unidades de Classes Especiais

Nos relatos das fisioterapeutas que atuam nas unidades de classes especiais (Figura 3), várias formas de atuação foram observadas, tanto em sala de aula, sob a forma de consultoria, como sob a forma de orientações para pais, atendentes e professores, constituindo um atendimento indireto. Essas terapeutas também realizam atendimento ao aluno, em sala de terapia e em outras dependências da escola, caracterizando o tipo de atuação direta descrita na bibliografia por Bundy (1995). O atendimento direto ao aluno na escola é fortemente criticado por Giangreco et al. (1989), devido ao fato do aluno ser retirado da sala de aula no

horário escolar, deixando de participar de algumas atividades pedagógicas. Este ponto será reconsiderado por uma das Fisioterapeutas entrevistadas.

3.3 A INTERAÇÃO ENTRE OS PROFISSIONAIS

Em relação à equipe, a integração entre os profissionais é considerada fundamental, sendo a atuação transdisciplinar a mais recomendada (GIANGRECO et al., 1989). Constatou-se, por meio dos relatos das fisioterapeutas, diferentes tipos de interação entre os profissionais, como demonstrado de forma ilustrativa na Figura 4.

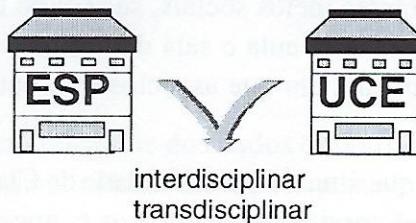


Figura 4 - A interação entre os profissionais.
Legenda: ESP- Escola Especial; UCE - Unidades de Classes Especiais

A forma primária de interação entre a equipe, nos dois contextos escolares, foi a interdisciplinar, seguida da transdisciplinar, evidente em vários momentos das entrevistas, principalmente entre as disciplinas de fisioterapia, terapia ocupacional e fonoaudiologia.

3.4 A INTERAÇÃO ENTRE O FISIOTERAPEUTA E OS PAIS

Outro aspecto fundamental no trabalho do fisioterapeuta com alunos com deficiência física é a interação com os pais.

As fisioterapeutas da escola especial, mantêm contato com os pais através de encontros informais e reuniões (Figura 5).



Figura 5 - A interação entre o fisioterapeuta e os pais.
Legenda: ESP- Escola Especial; UCE - Unidades de Classes Especiais

As fisioterapeutas das unidades de classes especiais, mantêm pouco contato com os pais, fato este justificado em função dos alunos possuírem um transporte especializado, que busca essas crianças em casa e as leva para a escola, sendo que os pais raramente comparecem na escola. Os encontros entre essas terapeutas e os pais ocorrem através de orientações e reuniões que são agendadas esporadicamente, e durante festas que ocorrem em datas comemorativas (Figura 5).



MACKENZIE

3.5 ATENDIMENTO FISIOTERAPÉUTICO NA ESCOLA VERSUS ATENDIMENTO EM CONSULTÓRIO, CLÍNICA E CENTRO DE REABILITAÇÃO

A diferença primordial relatada pelas fisioterapeutas da escola especial, foi que na escola, a atuação do fisioterapeuta está voltada para as necessidades do aluno na escola, diferindo substancialmente dos serviços de reabilitação oferecidos em outros locais, dentro de um modelo médico. Para a fisioterapeuta que atua em uma das unidades de classes especiais, a questão é um pouco ampliada, considerando que o trabalho do fisioterapeuta na escola está voltado para a integração do aluno em diferentes meios sociais, sugerindo um trabalho em outros locais e não somente na sala de aula e sala de terapia como, por exemplo, idas ao metrô e ao supermercado, em que aspectos referentes à independência são trabalhados.

Para a fisioterapeuta que atua na outra Unidade de Classes Especiais, esta considera a faixa etária como fator diferencial, pois as crianças que estão na escola possuem mais idade do que aquelas que freqüentam o centro de reabilitação, onde muitos já atingiram um platô de desenvolvimento, não havendo mais ganhos motores significativos. De acordo com McEwan e Shelden (1995), a intervenção voltada somente para a performance motora está fundamentada na incapacidade do indivíduo, e pensando dessa forma, a terapia motora realizada de forma individual poderá não obter resultados satisfatórios podendo, até mesmo, ser interrompida. Porém, se a intervenção for centrada na desvantagem, muito pode ser realizado pelo aluno, tanto no que se refere à sua integração em sala de aula, quanto à sua inclusão social mais ampla.

A Figura 6 resume de forma ilustrativa os principais aspectos relatados pelas fisioterapeutas.



Figura 6 - A atuação do fisioterapeuta na escola *versus* atuação em clínica, consultório e centro de reabilitação.
Legenda: ESP- Escola Especial; UCE - Unidades de Classes Especiais

3.6 A PARTICIPAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA NA INCLUSÃO DE ALUNOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA FÍSICA EM ESCOLAS COMUNS

Por meio dos relatos, constatou-se que as fisioterapeutas estão contribuindo para o processo de inclusão de alunos com deficiências físicas em escolas comuns (Figura 7). Esta tarefa não é fácil, pois os profissionais entrevistados

relataram que as escolas ainda não estão preparadas para receber tais alunos, principalmente devido a barreiras arquitetônicas, mobiliário inadequado e, em alguns casos, informações não condizentes com a real capacidade dos alunos, confundindo-se, muitas vezes, a deficiência física com a deficiência mental.

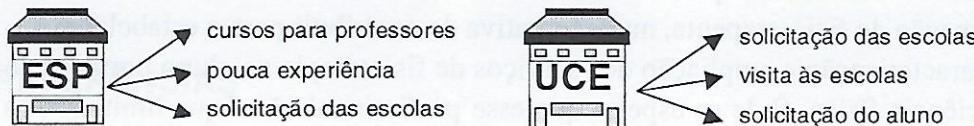


Figura 7: A participação do fisioterapeuta na inclusão de alunos portadores de deficiência física nas escolas comuns.
Legenda: ESP- Escola Especial; UCE - Unidades de Classes Especiais

Outro aspecto relevante dos dados obtidos é que nenhuma fisioterapeuta tinha experiência com a inclusão de alunos portadores de graves deficiências, o que poderia sugerir a dificuldade desses alunos freqüentarem escolas comuns sem o apoio de uma equipe especializada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, conseguiu-se registrar alguns aspectos importantes da atuação do fisioterapeuta na realidade escolar de alunos com deficiência física, sem com isto, esgotar o assunto. Os depoimentos registrados pertencem a duas realidades diferentes, uma segregada e outra com uma perspectiva mais integradora, nas unidades de classes especiais localizadas em escolas comuns, onde se pode perceber uma atividade profissional diferenciada em cada contexto, nas quais o profissional imprime sua marca pessoal em seu trabalho.

Nesse estudo, ficou evidenciada a importância da atuação do fisioterapeuta na escolarização de alunos com deficiência física, assim como o trabalho em conjunto com outros profissionais da área da educação e reabilitação. O fisioterapeuta, com a sua formação, impõe um olhar específico ao desempenho motor, atuando como um facilitador da integração deste aluno com o ambiente escolar.

A legislação referente à fisioterapia não prevê, em seus dispositivos, a atuação do fisioterapeuta no contexto escolar, o que mereceria discussões. Isto justifica, de certa forma, a necessidade crescente de investigação e aprofundamento teórico, na tentativa de obter respaldo legal e normativo por parte do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Aspectos como a estruturação dos serviços prestados pelo fisioterapeuta na escola, são particulares de cada realidade escolar. Porém, não se deve perder de vista que a atuação do fisioterapeuta está voltada para a resolução de problemas de ordem motora que estejam interferindo no seu desempenho escolar, sen-



MACKENZIE

do o fisioterapeuta um membro da equipe escolar ou um profissional que atua em estreita relação a mesma.

A pesquisa de campo, em dois contextos diferentes, permitiu uma caracterização de alguns pontos da atuação do fisioterapeuta na escola, porém outros estudos são necessários para analisar outras realidades escolares e outras formas de atuação do fisioterapeuta, numa tentativa de contribuir para o estabelecimento, caracterização e ampliação dos serviços de fisioterapia ao aluno portador de deficiência física. É de se esperar que esse profissional não fique limitado aos aspectos técnicos de seu cotidiano profissional e possa trazer contribuições para a inclusão social do aluno portador de deficiência física.

Que este estudo possa servir de referencial para outros profissionais fisioterapeutas ou não, em sua caminhada em busca de aprimorar os serviços oferecidos a essa clientela, ou seja, aos alunos com deficiência física.

ABSTRACT

The purpose of the present study was to identify and critically analyze the physical therapist performance in the scholar reality of the students with physical disabilities, aiming the improve of the development and the scholar performance of these. To make this comes true a qualitative research was performed, using semi-structured interviews with physical therapists that work in Special School and in Units of Special Classes from regular school in São Paulo City. From these interviews and theoretical referential, the importance of the physical therapist in the school became evident. They can be contributing in the adaptation of postural seating, in the independence inside and outside of scholar environment and in the inclusion of the student with physical disabilities in the regular school and in the society.

Keywords: Physiotherapy; special education; people with physical disabilities.

AGRADECIMENTOS

Nosso agradecimento às Fisioterapeutas entrevistadas e ao CNPq pelo apoio financeiro, os quais foram indispensáveis para a realização desse estudo, bem como à instituição especializada e à escola estadual onde realizamos a pesquisa de campo.

¹ Organização de classes especiais dentro das escolas regulares, no sentido de um certo grau de interação. Contam com equipamentos especiais e profissionais especificamente capacitados (CRUICKSHANK; JONSON, 1982).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-lei nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br>>.

BUNDY, A. C. Assessment and intervention in school-based practice: answering questions and minimizing discrepancies. *Physical & Occupational Therapy in Pediatrics*, New York, v. 15, no. 2, p. 71-87, 1995.

CRUICKSHANK, W. M.; JONSON, G. O. *A educação de excepcionais*. Porto Alegre: Globo, 1982. v. 2.

GIANGRECO, M. F. et al. Providing related services to learners with severe handicaps in educational settings: pursuing the least restrictive option. *Physical Therapy*, [S.l.], v. 1, no. 2, p. 55-63, 1989.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LORENZINI, M. V. O papel do fisioterapeuta em classe especial de crianças portadoras de deficiência física. *Fisioterapia em Movimento*, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 17-25, out. 1991/ mar. 1992.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

LUNNEN, K. Y. Physical therapy in the public schools. In: TECLIN, J. S. *Pediatric physical therapy*. Philadelphia: Lippincott, 1998. p. 562-578.

MAZZOTTA, M. J. da S. *Fundamentos de educação especial*. São Paulo: Pioneira, 1982

_____. Inclusão e integração ou chaves da vida humana. In: III CONGRESSO IBERO- AMERICANO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Diversidade na Educação: desafio para o novo milênio. Foz do Iguaçu, 1998. p.48-53.

McEWAN, I. R; SHELDEN, M. L. Pediatric therapy in the 1990s: the demise of the educational versus medical dichotomy. *Physical & Occupational Therapy in Pediatrics*, New York, v. 15, no. 2, p. 33-45, 1995.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.



MACKENZIE

O'SULLIVAN, S. B. et al. *Fisioterapia: tratamento, procedimentos e avaliação*. São Paulo: Manole, 1983.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Programa mundial de ação relativo às pessoas deficientes*. Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação, 1989.

PÁDUA, E. M. M. de. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

RESOLUÇÃO COFFITO-80, de 20 de fevereiro de 1978. Define as normas para a habilitação ao exercício das profissões de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Disponível em: <<http://www.CREFITO5.com.br/leis.htm>>. Acesso em: 21 maio 2001.

